
DOS BALAIOS AO BALAIADA:
tecendo histórias

FROM BALAIOS TO BALAIADA:
weaving stories

DE BALAIOS A BALAIADA:
tejidos historias

José Reinaldo Miranda de Sousa

Doutor em História Social – PUC-SP; Professor de História no CEU Jambeiro; SME,
Prefeitura Municipal de São Paulo - mirandadsousa@gmail.com

Recebido em:01/08/2020

Aceito para publicação:03/12/2020

Resumo

Desde o século XIX, muitos foram os conflitos que ocorreram no Maranhão, envolvendo diversos segmentos sociais, em especial os escravizados, pois constituíam o maior segmento social nesta estrutura, culminando com a eclosão da Guerra da Balaiada ou Guerra dos Bem-te-vis, na antiga Vila da Manga (atual Nina Rodrigues) situada às margens do rio Munim, na confluência dos rios Preto e Iguará. Apresentaremos neste artigo, como essas lutas ressurgem, a partir dos anos 1980, na luta pela terra, dando origem ao Assentamento Balaiada. Trata-se de uma grande conquista dos trabalhadores rurais dessa região, pois até esse momento o território ninense restringia-se praticamente a dois proprietários que concentravam a maior parte das terras do município. Recorre-se aos depoimentos dos sujeitos, como importantes fontes de construção da história, ou seja, os sujeitos da própria história, para trazermos suas experiências na luta pelo direito e permanência à terra.

Palavras Chave: Maranhão, Munim, Balaiada, Questão da terra.

Abstract

Since the 19th century, many conflicts have occurred in Maranhão, involving several social segments, especially the enslaved ones, since they constituted the largest social segment in this structure, culminating in the outbreak of the Balaiada War or the War of the Bem-te-vis, in the old Vila da Manga (now Nina Rodrigues) located on the banks of the Munim River, at the confluence of the Preto and Iguará rivers. We will present in this article, how these struggles reappear, starting in the 1980s, in the struggle for land, giving rise to the Balaiada Settlement. This is a great achievement for rural workers in that region, since up to that time the Ninense territory was practically restricted to two landowners who concentrated most of the municipality's land. The testimonies of the subjects are used, as important sources of construction of history, that is, the subjects of the history itself, to bring their experiences in the struggle for the right and permanence to the land.

Keywords: Maranhão, Munim, Balaiada, Land issue.

Resumen

Desde el siglo XIX, ha habido muchos conflictos en Maranhão, que involucran varios segmentos sociales, especialmente los esclavizados, ya que constituyeron el segmento social más grande en esta estructura, que culminó en el estallido de la Guerra Balaiada o la Guerra de los Bem-te-vis, en la antigua Vila da Manga (ahora Nina Rodrigues) ubicada a orillas del río Munim, en la confluencia de los ríos Preto e Iguará. Presentaremos en este artículo, cómo estas luchas reaparecen, a partir de la década de 1980, en la lucha por la tierra, dando lugar al Acuerdo Balaiada. Este es un gran logro para los trabajadores rurales en esa región, ya que hasta ese momento el territorio de Ninense estaba prácticamente restringido a dos propietarios que concentraban la mayor parte de las tierras del municipio. Los testimonios de los sujetos se utilizan, como fuentes importantes de construcción de la

historia, es decir, los sujetos de la historia misma, para traer sus experiencias en la lucha por el derecho y la permanencia a la tierra.

Palabras clave: Maranhão, Munim, Balaiada, cuestión de la tierra.

Introdução

O presente artigo propõe-se a trazer algumas questões contemporâneas relacionadas aos sujeitos da antiga Vila da Manga¹, atual município de Nina Rodrigues, no estado do Maranhão: suas lutas e experiências pela libertação da terra. Este trabalho tem como referencial a pesquisa elaborada como parte da minha dissertação de Mestrado apresentada na PUC-SP. Trataremos essas questões a partir da luta dos sujeitos dessa região que resultou na constituição do Assentamento Balaiada, um exemplo de conquista concreta dos trabalhadores que por muito tempo viveram sob a exploração de latifundiários, numa região em que até então estava com as terras concentradas nas mãos de praticamente dois proprietários.

O Assentamento Balaiada é um território regularizado pelo INCRA, a partir de uma ocupação, promovida por moradores de vários povoados da região, ocorrida em 28/06/1999. Segundo nos afirma Caxico² “A terra ocupada pertencia a um grande latifundiário da região”.

Ressaltamos que no processo de ocupação da área houve a participação de todos os moradores dos diversos povoados do entorno. Os sujeitos que formaram o Assentamento Balaiada são dos povoados: Morro da Filó, Mucambinho, Salomão, Salgador e São José dos Pretos. O curioso é que logo após a ocupação, alguns preferiram retornar e permanecer em seus povoados de origem, o que demonstra uma ação de solidariedade entre esses sujeitos.

Para ilustrar nossa reflexão, nos apropriamos da ideia do “balaio”, no sentido de algo que é tecido e que toma forma de um cesto grande, ainda muito utilizado pelas populações rurais do Maranhão, “para guardar ou transportar objetos”, como assim apresenta o verbete do dicionário (Houaiss, 2008, p. 86).

¹ Manga. Nova villa da província do Maranhão, na confluência do rio Iguará com o rio Moni-Mirim, na comarca d'Itapicuru. Era em outro tempo a freguezia da Manga-do-Iguara, cuja matriz tinha por padroeira N.S. das Dores. Tendo sido criada villa, uma lei provincial de 14 de Junho de 1838. (Dicionário Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brasil, Pariz, 1845. In: BRAGA, José Mercedes. Remanso. São Luís: LITHOGRAF, 2005).

² Morador e liderança do Assentamento Balaiada, que sempre esteve à frente das lutas por melhorias na comunidade.

Para uma melhor compreensão da constituição do Assentamento Balaiada, faremos uso de alguns depoimentos dos sujeitos que viveram as experiências de lutas e conquistas do território, ou seja, os próprios moradores do assentamento, os sujeitos da própria história, para com isso trazermos suas experiências no que se refere à questão da terra.

Metodologicamente manteremos a originalidade de seus depoimentos, sem correções, pois conforme Portelli, “o texto escrito é a representação de um falar cotidiano, corriqueiro, com elementos coloquiais [...]” (Portelli, 2004, p. 06). O pesquisador italiano nos afirma que se houver modificação nas transcrições das entrevistas, ocorrerá uma escamoteação dos relatos, foi por esse motivo que mantivemos as falas nas transcrições.

É por isso que falamos de autorretrato: todas as narrativas autobiográficas (e é isso que estas são em essência) constituem uma autorrepresentação do narrador, uma expressão de sua subjetividade, de sua memória, do modo como deseja ser visto; e o conjunto dessas narrativas constitui uma autorrepresentação da instituição a que se reportam (Portelli, 2004, p.11).

Compreendemos as controvérsias quando nos dispomos a tecer e dar forma a essas novas abordagens, que propõe a história, embora esse não seja objeto de nossa temática, trazemos esse esclarecimento. Entendemos, assim como Khoury, diante deste desafio que,

Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir do seu próprio ponto de vista. Nesse sentido temos esses enredos como fatos significativos que forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência que é sempre social e compartilhada, e buscamos explorar modos como narrativas abrem e delineiam horizontes possíveis na realidade social (Khoury, 2005, p.125).

Assentamento Balaiada: contexto histórico

Várias são as narrativas sobre esta região do Maranhão, que desde o século XIX, com a eclosão de revoltas, envolvendo diversos segmentos sociais, em especial os escravizados, uma vez que estes sujeitos constituíam o maior segmento social nesta estrutura, culminando com a eclosão da Guerra da Balaiada ou Guerra dos Bem-te-vis, considerada uma das grandes revoltas populares ocorrida durante o Brasil Imperial. Iniciada na Vila da Manga, atual Nina Rodrigues, este movimento surgiu em função da grave crise econômica desencadeada pela queda nas exportações de algodão no final do século XIX, o frequente aumento dos gêneros alimentícios, o descaso das autoridades com os problemas da população e a questão da escravidão. Tudo isso contribuiu para que a situação se tornasse insuportável. A crise se

acirrou, ainda mais, quando do recrutamento obrigatório, pelas tropas do Império, que tinha como objetivo enfraquecer e perseguir os proprietários do interior, associados aos liberais. Há indícios de que esta revolta envolveu mais de 10 mil pessoas e se estendeu pelas províncias do Piauí e Ceará. Essa revolta tem a adesão do vaqueiro Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio, que já havia libertado seu próprio filho, preso pelas tropas do Império. Engrossam também as fileiras deste movimento, mais de 3000 homens, liderados pelo Negro Cosme, líder maior do quilombo Lagoa Amarela, nas cabeceiras do rio Preto.

A Balaiada tem sido referência para as lutas contemporâneas, pois as lutas desses povos continuam, principalmente em busca de corrigir algumas distorções, como o é a questão agrária que faz parte não só da história desse município, mas da história do Maranhão e do Brasil.

A memória dessas lutas se faz presente no próprio nome do território, fruto dessa luta recente, que é o Assentamento Balaiada. O território foi “batizado” de Assentamento Balaiada, por sugestão do Padre Laurindo³, que conforme Caxico “foi em homenagem a Guerra da Balaiada”.

Conforme estudo feito por Matthias Röhrig Assunção “A Balaiada é parte integrante da história de resistência do campesinato maranhense, que nas últimas duas décadas vem sofrendo outra vez o impacto violento de um modelo modernizador que ameaça a sua sobrevivência enquanto grupo, ou modo de vida distinto” (Assunção, 1998, p. 68). Esse é o contexto que se insere a luta dos sujeitos, culminando com a conquista do Assentamento Balaiada. Assim como a Guerra da Balaiada apresenta a luta pela terra e conflitos em torno da apropriação da mão de obra, mobilizando camponeses e vaqueiros que se opunham aos grandes fazendeiros (Assunção, 1998, p. 73), essas questões ressurgem no movimento de ocupação do Assentamento Balaiada, ou seja, a oposição dos moradores dessa região em relação ao latifúndio e a exploração da mão de obra.

Com este referencial nos voltamos para a realidade social contemporânea em Nina Rodrigues, a partir dos anos 1980, ou seja, a luta pela terra, pois até esse momento o território ninense restringia-se, como já mencionado, praticamente a dois proprietários, que concentravam a maior parte das terras do município. Braga⁴ em seu depoimento nos revela

³ Pároco de Vargem Grande desde 1986, grande incentivador das CEB's – Comunidades Eclesiais de Base, na região.

⁴ Um dos moradores mais antigos de Nina Rodrigues, bastante conhecedor das histórias do município.

essa realidade ao afirmar que, “o Major Horácio e o Zé Macedo eram praticamente os donos do município, os dois tinham bastante gado e produziam bastante”, o que reafirma, portanto, a concentração das terras do município por dois latifúndios.

Embora não seja nosso propósito aqui, nos aprofundarmos sobre as questões territoriais do município, ressaltamos que os dois territórios, antigos latifúndios, atualmente tornaram-se dois PAs. – Projetos de Assentamentos⁵ do INCRA.

Consideramos que, a partir da luta dos trabalhadores e a intervenção do INCRA, houve uma reforma agrária no município, uma vez que as duas propriedades se tornaram assentamentos. Nesse contexto, a ocupação da terra, que deu origem ao Assentamento Balaiada, certamente foi uma das mais significativas experiências ocorridas em Nina Rodrigues, 161 anos depois da Guerra da Balaiada, ressignificando e fortalecendo as relações de identidades com a terra, a partir de traços culturais e relações coletivas, o que justifica o direito à terra para esses sujeitos. Trata-se de um território impregnado de significações, é isso que o difere dos latifundiários e grileiros, que veem a terra apenas como uma mercadoria (Martins, 1983, p.160).

Foi também nesse contexto que se forjaram as tensões vividas por esses sujeitos, nessa região do Maranhão, haja vista que, os ocupantes do Assentamento Balaiada são de origem dessa região, ou seja, algo muito peculiar uma vez que foge do perfil das ocupações, que normalmente são feitas por pessoas oriundas de outras regiões, portanto esses sujeitos lá residem centenariamente apenas como moradores⁶ da terra. A luta se deu para que a terra fosse desapropriada. Trata-se de uma experiência ímpar, pois, em outras regiões, os que fazem ocupação de área, geralmente se deslocam de outras regiões e dirigem-se para as áreas a serem ocupadas. Com isso podemos notar que a luta desses sujeitos tinha como objetivo alterar a estrutura fundiária concentrada e opressora.

⁵ Conjunto de unidades agrícolas independentes entre si, instaladas pelo INCRA onde originalmente existia um imóvel rural que pertencia a um único proprietário.

⁶ Sujeitos teoricamente livres, mas devido a essa estrutura fundiária permaneceram como moradores de favores nessas terras.

Libertar a terra, libertar os sujeitos

Alguns fatores se constituíram como determinantes para a luta pela libertação da terra entre os quais: o território comum e as relações de parentesco que são elementos de grande importância para essas populações, pois servem como referência para a permanência na terra, porque constitui identidades.

Muitos dos depoimentos que apresentaremos aqui foram colhidos em cenários bem distintos, ou seja, em uma roda de conversa no terreiro desses povoados, sob a sombra das mangueiras, cajueiros, pitombeiras, sempre de maneira muito informal. Outras vezes essas situações se deram em praça pública, como foi com Teixeira⁷, no sindicato e na própria residência. Foi a partir daí que tecemos, com base nas histórias e memórias, este “balaio” que ora apresentamos, não apenas para guardar, mas para transportar as experiências vividas por estes sujeitos ao conhecimento de todos.

Em nossos primeiros contatos com os sujeitos do Assentamento Balaiada, alguns aspectos nos chamaram a atenção; um deles consideramos muito significativo, uma vez que, embora esses povoados constituam-se, em sua maioria de negros, não é entre eles recorrente o termo quilombo para se identificarem; mais usual é o termo povoado⁸ ou associação⁹, sendo este, mais relacionado aos assentamentos do INCRA, que são muitos na região.

Nossas conversas com os depoentes concentraram-se basicamente sobre as origens, as lutas e as experiências em torno do território conquistado. É isso que Caxico nos esclarece sobre a origem e tramas da terra que ocuparam, em seu depoimento a seguir,

Na época da ocupação, as terras pertenciam ao Dr. William¹⁰ que as adquiriu a partir de um “negócio muito porco”. As terras anteriormente pertenciam a João Cândido¹¹ e Zé Pretinho, ambos irmãos. O William comprou do Zé Pretinho. Na venda da terra a gente não ficou muito satisfeito porque ele fez um negócio muito porco, obrigando o velho (João Cândido) a assinar no cartório, o documento, porque o velho não queria vender.

O depoimento acima revela um quadro bastante complexo em relação à questão da terra nessa região, onde muitas vezes, a terra é incorporada aos grandes proprietários através

⁷ Ex-vereador, gestão de 2005 a 2008, morador e liderança do Assentamento Balaiada.

⁸ Termo frequentemente utilizado no interior do Maranhão, para designar diferentes unidades populacionais.

⁹ Categoria formal, utilizada pelo INCRA, que com base nela permite aos sujeitos desses lugares a negociar linhas de crédito direto com os bancos para implementação de projetos de agricultura nesse locais.

¹⁰ Proprietário das terras na época da ocupação, onde atualmente está o Assentamento Balaiada.

¹¹ Um dos moradores mais antigo da região, ex-proprietário das terras, que foram vendidas conforme Caxico, a de crédito direto com os bancos para implementação de projetos de agricultura nesse locais.

de “negócio muito porco”, ou seja, através de negociatas fraudulentas, numa relação desigual, a partir da pressão exercida pelos grandes proprietários, não permitindo outra saída a não ser a atitude que João Cândido teve, assinar o documento de venda.

Nas questões que envolvem a terra como direito desses sujeitos, João Cândido ressalta que "são poucos os que acreditam nos idosos". Ele declara isto, ao mencionar que "meus avós eram escravos", o que reforça ainda mais a ideia dessa população como os legítimos donos das terras que ocupam, um contraponto à desconsideração e à desvalorização dos seus ancestrais, como os reais donos da terra.

Em seu depoimento a seguir, Caxico nos faz perceber a insatisfação dos sujeitos diante dessa realidade de injustiças que os conduzem a necessidades de mudanças desse estado de coisas, que os sujeitos vivem até então,

Depois no decorrer de um tempo a gente tinha muita vontade de trabalhar assim com projeto¹², mas toda vez que a gente levava o projeto lá pra fazer, esbarrava na tecla de que não tinha terra. Foi a partir daí que o Ivaldo¹³ conversou com o William e ele disse que doou terras pra nós, sendo: 10 hectares, aqui; 11 na Santa Isabel e 10 no São Domingos. Aí nós fizemos a demarcação, abrimos os picos, só que na hora que nós terminamos de cortar a terra, ele não deu o comprovante, o documento, como ia dar a terra para a comunidade. Daí a gente começou a se zangar logo. Ele tinha feito o negócio com o homem lá, o Ivaldo, e ele chegou aqui e disse: “o negócio tá feito, vocês podem cortar a terra”, veio o agrimensor, nós tinha passado mais de um mês cortando os picos, cortamos todinho, os quatro cantos. Daí quando foi na hora de entregar o documento ele não deu. Foi aí que nós começamos a ocupar a terra. Nós se reunimos e começamos a fazer a limpeza, antes isso aqui era só mato, medonho. Começamos a fazer o limpo das casas aqui mesmo.

Notamos com esse depoimento o contexto em que foi forjada a ocupação da área, pois o trato feito de doação das terras pelo William não foi cumprido, o que acirrou a luta e ocupação da terra. A luta pela terra representa a própria luta contra a opressão a que estavam submetidos esses sujeitos, ou seja, a luta contra relações desleais e trapaças, que sempre desconsideram os sujeitos.

Diante da situação acima, o passo seguinte foi a organização para a ocupação da terra, que teve apoio do MST, como diz Caxico: “daí quando surgiu esse negócio do Movimento Sem Terra, tava lá no Presidente Vargas¹⁴. Aí o Teixeira foi lá conversar com o presidente, o Pereira¹⁵ ”. Ressaltamos que os trabalhadores ao buscarem parceria com o MST, eles já

¹² Iniciativas da comunidade, que permitem captar recursos públicos para melhorar suas condições de produção e vida.

¹³ Ivaldo, foi Prefeito Municipal de Nina Rodrigues, na gestão de 1993 a 1996, simpatizante das causas dos trabalhadores.

¹⁴ Município vizinho, situado a oeste de Nina Rodrigues.

¹⁵ Liderança local do MST.

estavam determinados a ocupar o território e esse contato fortaleceu ainda mais o movimento de ocupação, pois conforme revela Caxico,

Logo depois do contato do Teixeira como o MST, no outro dia o Pereira chegou aqui pra gente fazer uma reunião. Daí logo convocamos uma reunião de ocupação. Esta reunião aconteceu no Centro de Formação¹⁶, na Manga, e foi muita gente, só daqui foi oitenta e poucas famílias. Saímos de lá 4 horas da tarde, de mala e cuia pra chegar aqui e ocupar, aí fechamos aqui. Aí começou...

Nesse movimento, podemos notar que, para a ocupação da terra, foi fundamental a aliança articulada pelos trabalhadores com o MST, no sentido de fortalecer ainda mais a luta desses sujeitos; o respaldo da Igreja Católica, que contribui também com o uso do seu espaço para a reunião de organização e conscientização da luta e ocupação definitiva da terra, bem como o apoio do Padre Laurindo, que sempre esteve ao lado apoiando as lutas desses trabalhadores.

Notamos na fala de Caxico a força e o significado do termo, “aí começou...”; com isso ele enfatiza que na realidade, após a ocupação da terra é que se iniciou efetivamente a luta. Em sua narrativa a seguir ele traça toda a trama da luta que aí começou, a resistência para permanecerem na terra ocupada.

Antes os funcionários do William vinham maltratando a gente, mas daí a gente ficou unido e crescemos logo. A revolta maior foi porque o William humilhou o Netão¹⁷ e o Teixeira, ameaçando para eles saírem da terra.

Aí, eu, Netão e Teixeira se recusamos a pagar foro¹⁸. Por conta disso foi marcada uma reunião na Santa Isabel¹⁹. O Netão fechou a reunião lá, no dia tinha muita gente lá no pátio. Daí ele convocou só o Netão e o Teixeira pra conversar aí fechou a porta, eu e o João Cândido ficamos de fora. Lá dentro eles, William e mais outros tentaram humilhar o Netão e o Teixeira. Aí ele deu 24 horas para o João Cândido deixar a propriedade dele. Por causa disso o João Cândido começou a botar as coisas dele pra vender pra ir embora, aí nós chamamos ele e perguntamos: que negócio é esse?

Ao atentarmos para essa frase interrogativa, “que negócio é esse?”, podemos notar o quanto ela está carregada de sentidos, quais sejam: não faça isso, não vamos sair daqui, ou seja, não se intimide nós estamos ao seu lado, demonstrando coragem e resistência para a luta.

Em seu depoimento a seguir, Caxico percebeu a estratégia de pressão usada por William, ao dizer que,

Essa foi uma estratégia usada, pois ele pensou, expulsando o João Cândido, que é o mais velho do lugar, os outros, genros, netos, filhos e nós que era vizinho ia se

¹⁶ Local pertencente a Igreja Católica, destinado a reuniões e eventos.

¹⁷ Morador e liderança do Balaiada.

¹⁸ Os sujeitos tinham permissão de plantar nas terras dos fazendeiros, embora tivessem que pagar em forma de foro (dias de trabalho na produção, posteriormente evolui para o pagamento em produtos da terra).

¹⁹ Sede da fazenda do Sr. William, à época.

espantar e acompanhar. Daí nós chamamo o Netão, o Teixeira e dissemo: - senhor, é daqui que o senhor vai embora? Só se ele matar todo mundo, só se ele viesse buscar a gente nas costas, depois que matar tudo aí pode ir embora.

Aí nós se revoltamo e ficamo esperando, quando foi oito hora da noite ele mandou um grupo lá do São Domingos ²⁰vir dá o recado que era pro João Cândido desocupar até bem cedo, que era pra ele ir embora.

Diante da narrativa acima notamos que essas são estratégias comumente usadas pelos detentores do poder para submeter o outro, tentativa de aniquilar uma força política, ou seja, expulsar João Cândido, seria uma forma de desmobilizar esses sujeitos, mas no entanto esses sujeitos percebem essa situação de intimidação e isso os favoreceu na luta, uma vez que a mobilização para permanência de João Cândido fortaleceram os laços de resistência na luta. Com isso as tensões aumentam, deixando bem clara a luta de classes, que se acirrava, pois conforme Thompson, “a consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma” (Thompson, 1987, p 10).

Lutar, enfrentar e resistir: uma construção histórica

Ao se defrontarem com a pressão exercida pelo proprietário da terra, esses sujeitos se organizaram ainda mais para enfrentar e resistir, como disse Caxico, “aí a revolta começou, pois agora nós não vamos pagar foro, mais ninguém, e também não vamos mais trabalhar com cerca, porque tinha que fazer cerca para o boi não comer as plantaço da roça”.

Notamos aí a força e as atitudes de enfrentamento dos trabalhadores na luta e na conquista de espaço, apesar da grande pressão do “dono da terra”. Não pagar o foro significou um rompimento com a estrutura opressora e humilhante à qual esses sujeitos estavam submetidos secularmente. Romper com a cerca e plantar, de agora em diante, sem a cerca, significa uma grande libertação, percebemos com essa atitude, o rompimento com um sistema de símbolos legitimadores do confinamento dos moradores da terra à falta de liberdade, representada pela cerca que permitia liberdade ao gado e prisão aos agricultores.

Podemos perceber diante das ações que vão sendo executadas por esses sujeitos que a luta foi se radicalizando, os trabalhadores estavam organizados para resistir e fecharam praticamente toda a região, assumindo controle da área, não permitindo a passagem de quem não estivesse na luta. Essa situação se confirma através do depoimento de Braga, ao dizer que,

²⁰ Sede da antiga fazenda São Domingos, hoje Escola de Formação do MST.

“teve um tempo em que a gente nem podia passar lá, eles não deixavam. Se a pessoa fosse amiga, passava se não fosse não passava”, portanto “fecharam” o território para se defenderem, ou seja, mais uma estratégia de luta utilizada.

Conforme apresentam em suas declarações, a pressão também veio de alguns povoados vizinhos, que, embora estivessem na mesma condição, achavam que isso era coisa do Movimento dos Sem Terra, numa alusão pejorativa em relação a essa organização de trabalhadores rurais, ou seja um senso comum, muito difundido pelos meios de comunicação hegemônicos.

Importante notar, conforme declara Caxico no momento em que se travava o embate, ele era recebedor de foro para o William: “eu recebi foro pra ele durante dois anos, recolhia 560 sacos de arroz por ano, só eu”, notamos com isso que no desenvolvimento da luta ele se dá conta de que o foro é uma das formas de exploração do proprietário para com os trabalhadores.

Os moradores nos apontaram que, após a ocupação, a pressão foi muito grande, tanto por parte da prefeitura local, quanto da polícia; no entanto, a resistência também foi muito grande "pois havia organização", estavam juntos na luta pela terra, processo que vem se construindo, desde quando se negaram a pagar o foro e quando romperam com a forma de produzir, até então, fazendo cerca para poder plantar sem que o gado do fazendeiro invadisse e comesse suas plantações. A exploração à qual estavam submetidos esses trabalhadores e que nesse momento eles rompem, nos fazem perceber sua própria condição de sujeitos históricos que se constroem na luta.

Em seus depoimentos esses trabalhadores nos mostram que a luta de ocupação, conquista e permanência na terra os colocou diante de grandes desafios desde o início. Colocam a Igreja Católica como uma grande força aliada e teve importante papel nessa luta, especialmente na figura do Padre Laurindo, “que sempre esteve junto, quando foi pra desapropriar ele chegou junto”, assim ressalta Caxico.

Ainda, conforme Caxico, nos primeiros dias da ocupação, foram momentos de muita tensão, assim nos declarou:

Um dos momentos tensos foi quando estavam na missa de batismo da terra, isso oito dias depois da ocupação, e então no meio da missa chega o oficial de justiça que veio trazer uma intimação pra nós, uma ordem de despejo. Aí nós fizemo ele ir lá no meio do povo ler. Depois que ele leu, nós dissemo pra ele levar de volta, quando foi no dia seguinte nós fomos lá no fórum. Essa ordem de despejo deixou todo mundo assombrado, neste dia muita gente foi embora daqui, todo mundo ficou com medo,

porque dizia que quando vinha pra despejar, vinha trator que passava por cima de tudo, derrubava tudo.

Aqui, as casinhas era tudo de palha. A gente fazia umas trinta dessa por dia.

Com isso podemos perceber que as lutas se deram em várias trincheiras, o desespero e a necessidade de uma vida digna, assim como os valores daquela comunidade, suas identidades, foram elementos de grande importância para o fortalecimento da luta e resistência na conquista do território. Caxico reitera, ao dizer que,

A pressão era muito grande, muita gente não aguentou e foi embora, nós ficamos e encaramos, fomo pra audiência. Daí chegamos lá, fomo buscar o Padre Laurindo, nós explicamos tudo pra ele. E quem falou com o promotor foi só ele mesmo. A gente não falou não.

O padre era “macho”, teve uma hora que ele levantou da cadeira, deu um murro em cima da mesa, que derrubou todos os livros e disse:

“quer saber se é verdade ou não, vamos lá amanhã, pra ver se é homem ou vagabundo que tem lá. Lá não tem invasor não, tem proprietário e pai de família. Eu conheço ali muitos anos, trabalhei lá de casa em casa lá. Lá não tem nenhum vagabundo, lá só tem lavrador”.

Daí o promotor se embananou todinho, e suspendeu logo a liminar, mandou dar fim logo. Daí pronto, nunca mais. Daí teve outra missa em comemoração da vitória.

Notamos aqui a força da Igreja Católica nessa situação limite, conforme demonstra Caxico, ao utilizar o termo, “o padre era macho”, sintetizando com isso, todas as formas de lutas por eles enfrentadas, significa força e resistência. Esse depoimento legitima o padre como liderança importante nos embates políticos enfrentados; o padre era firme, exaltava-se, indignava-se diante da situação, estava sempre ao lado na luta desses trabalhadores.

Embora as conquistas até aqui sejam bastante significativas para esses sujeitos, as dificuldades, no entanto, ainda enfrentadas foram grandes e não pararam por aí, conforme nos relata Caxico, a seguir:

A perseguição também se deu por parte do poder local, o prefeito, que não era a nosso favor, ele mandou polícia aqui umas duas vezes, uma vez foi pra buscar o material elétrico, que era nosso lá do outro povoado, solicitamos que a prefeitura colocasse energia pra nós, mas ele dificultou muito, toda as vezes que ele marcou não cumpriu, aí resolvemos nós mesmo colocar, arranjamos um eletricista mas ele não teve coragem de vir (filho da mãe!), os eletricistas da Manga ninguém teve coragem de vir. Fomo arranjar um lá no Itapecuru que teve coragem de vir, aí marcamos para o outro dia logo, aí nós passamos um aviso lá pra Santa Isabel e veio um monte de gente, uns cento e poucos macho pra carregar o material, era gente que parecia saúva trabalhando nesse dia.

Neste relato fica clara a aliança política estabelecida entre o prefeito e a polícia, nesse embate, mostrando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores nessa luta, que exigiu persistência e firmeza. Isso se evidencia ainda mais ao aparecer no depoimento o termo “era

gente que parecia saúva trabalhando nesse dia”, pois demonstra a união, a força e a solidariedade na luta.

Caxico considera que,

[...] um dos grandes marcos de resistência foi quando nós solicitamo a instalação da rede elétrica para o povoado e foi negada, aí nós se juntamo e arrancamo um poste de cimento lá do Morro da Filó e trouxemo nas costas até o local e lá instalamo por conta própria, trouxemo a eletricidade até o local.

Mesmo assim, podemos notar a persistência do poder local em tentar coibir as ações desses sujeitos que lutam para melhorar suas condições de vida, suas sobrevivências na terra conquistada, o que os deixavam sempre em alerta diante de qualquer tentativa das autoridades locais, como foi na situação a seguir, no dia em que se dava a instalação da eletricidade no povoado, como diz Caxico:

Quando a gente menos espera chega o delegado e mais sete policiais a mandado do prefeito, aí nós fomo avisados de que tinha polícia no Balaiada, aí fomo pra lá – nesse tempo nós tinha um sistema de uma taboca que a gente buzina e ouvia lá adiante. Quando era uma buzina longa, era pra vir com calma; quando buzina duas vezes em seguida, avexado mesmo, era pressa pra vir correndo. Aí desceu macho de tudo quanto é lado, e mulher também, uns correram com medo, nesse dia fazia uns quatro dias que eu tinha trazido minha mãe pra cá, ela se ajoelhou ali, botou os peitos pra fora e disse: “meu filho pelo amor de Deus vamo embora daqui”, ela morava em São Luís.

Mas não era nada demais era só pra conversar e pra marcar uma audiência. Era pra ir só uma comissão de cinco pessoas. Era pra intimidar.

Com base no depoimento acima apresentado, percebemos que a luta, a resistência desses sujeitos estão sendo construídas com as próprias experiências que os envolvem. Ficam claros os fortes laços de solidariedade entre esses homens e mulheres que atuam igualmente na luta, construindo suas próprias histórias e da sua comunidade, portanto se fazendo sujeitos de suas histórias.

Esta situação pode ser observada quando Caxico nos apresenta mais uma situação de confronto, ao nos dizer que,

Foi quando teve uma festa na Santa Isabel e o prefeito mandou polícia e eles iam passar pelo Balaiada.

A gente resolveu que ia cortar aquela ponte ali. Já ia cortar, mas resolvemo deixar pra lá e eles passaram. Nesse dia ia dar tiroteio pra desgraça. Eles vieram reforçado mesmo.

Nesse dia da festa, quando o prefeito passou a gente chamou e ele veio. Aí sentamo lá com ele e pedimo uma escola.

Podemos notar nesse contexto, como esses sujeitos forjam suas estratégias de luta e enfrentamento, inclusive a de construir a relação com o poder público, como foi o caso em que na passagem do prefeito pela comunidade, quando aproveitaram para reivindicar uma

escola. Esta situação fica evidente, na fala de Caxico, quando diz “pedimo uma escola”, a capacidade e o poder de negociação dos trabalhadores, assim como a capacidade de ceder em momento que lhes é estratégico, algo que aprenderam na própria luta. Outro confronto também se deu quando ao término da construção da escola, no evento de inauguração, pois conforme Caxico, “no dia da inauguração do colégio veio um tanto de policiamento de novo junto com o prefeito. Dissemo a ele, você pode ficar, mas a polícia não, aí ele mandou embora. Aí quando foi entendendo como eram as coisas, aí foi melhorando”.

Nessas situações de confrontos, notamos que os trabalhadores identificam a polícia sempre como violência, repressão; daí a proposta para que se retirem, a partir da negociação com o prefeito, no que foram prontamente atendidos, demonstrando a força e a capacidade de organização que esses trabalhadores construíram. Essa situação nos remete a Thompson ao afirmar em seus estudos sobre a luta de classes, pois para ele, “a classe acontece quando alguns homens como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus” (Thompson, 1987, p. 10). Com base nessa premissa podemos afirmar que a luta de classes acontece em qualquer circunstância e lugar, surge como força e tensão na disputa de interesses antagônicos.

Caxico ressalta com veemência que: “O Balaiada foi o primeiro assentamento do município de Nina Rodrigues. Depois o pessoal viu que o negócio dava certo. A partir daí outras áreas foram também desapropriadas pelo INCRA, formando-se outros assentamentos”.

Notamos, conforme apresentado em seu depoimento, que a ocupação do Assentamento Balaiada serviu como exemplo de conquista e resistência que se espalhou por todo o município, a partir dessa ocupação, desencadeando uma luta pela desapropriação de terras, resultando em vários outros assentamentos.

Uma breve conclusão

O município de Nina Rodrigues, é composto de várias comunidades quilombolas, e palco de lutas contra a opressão, como a Guerra da Balaiada, que se espalhou, como fogo no mato seco, por quase todo o Estado. Contemporaneamente ressurgem as tensões e lutas contra as abusivas cobranças de foro e pela desapropriação da terra. Como resultado dessa luta,

houve um desmonte dos antigos latifúndios dando lugar aos dois PAs. – Projetos de Assentamentos.

- O P.A. Palmares, que incorporou os povoados de São Domingos, Santa Isabel, Assentamento Balaiada, Macacos, Amapá dos Lucindos e Campinho.

- O P.A. Mangueira, que incorporou os povoados de Santa Rita, Amapá dos Catarinos, Mucambinho, Volta do Mundo, Buriti, São José dos Pretos e Vila Esperança.

Ao considerarmos a luta dos trabalhadores e a intervenção do INCRA, podemos concluir que houve uma reforma agrária no município, uma vez que as duas propriedades se tornaram assentamentos, situação que destoava um pouco da realidade que predomina no estado. Notadamente nesse município houve uma regularização fundiária em benefício dos moradores, como resultado das lutas desses sujeitos para libertar a terra.

Em nossas conversas com o Netão, morador do Balaiada e que participou ativamente de todo o processo de luta pela terra, ele assim nos disse: “atualmente a comunidade caminha no sentido de desenvolver projetos para melhorias das condições de vida. Para isso contamos com a orientação do MST”. Com isso fica clara a luta permanente por melhorias e avanços nas conquistas em benefício da comunidade.

Netão ressaltou também, que, “atualmente tem um técnico agrícola que é filho daqui e outro que se formou em História. E que tem uma equipe nova daqui também fazendo magistério pelo MST, lá no São Domingos, onde se reúnem vários assentamentos para formar pessoas”, enfatizando com isso as conquistas que se concretizaram no caminhar de suas lutas.

A luta pela educação significa apropriar-se de conhecimentos, algo que em uma sociedade desigual, é direito de poucos. Nota-se que a educação, para eles, tem um valor importante. Logo no início da luta, nas negociações, a instalação de uma escola foi a primeira reivindicação ao prefeito.

Mais recentemente a comunidade está desenvolvendo um projeto voltado para resolver a falta de água, pois segundo Netão, “é uma das maiores necessidades. Pretendemos construir açudes para organizar uma cultura diferente, produzir mais. O rio passa longe daqui”. Em seu depoimento fica evidente que, solucionar o problema da água é uma das metas, pois contribuirá para potencializar a agricultura e diversificá-la.

Como resultado da organização desse assentamento, podemos notar que várias são as conquistas, como as elencadas acima, assim como as que mencionaremos a seguir:

As casas são todas de alvenaria, com energia elétrica e abastecimento de água.

A infraestrutura escolar é muito boa, tem creche, tem curso de EJA - Educação de Jovens e Adultos e tem também ensino médio.

Conforme nos informaram, quase todos os moradores têm acesso à escola, “nós temos uma turma de adultos que já aprendeu a ler e quer mesmo é fazer o ginásio”. No processo constante de conquistas o Assentamento Balaiada foi declarado como “Território Livre do Analfabetismo”²¹, em função da erradicação do analfabetismo em seu território. Trata-se de uma das metas do MST para os assentamentos. Pois conforme Maria Divina, da Direção estadual do MST e Coordenadora do Programa,²² “o que aconteceu no Balaiada é o resultado de uma série de esforços, que através do método cubano “Sim, eu Posso”²³, vem deixando o Movimento mais próximo dessa meta”.

Com isso percebemos que os moradores do Balaiada, nesse momento, estão voltados a potencializar seus esforços na busca de implementar novas frentes para melhorar a produção e a educação para os jovens. Essa parceria com o MST, que representa para eles um símbolo de luta e resistência pela terra, há um aprendizado a ser transmitido.

Nesse cenário de luta pela terra, faz-se necessário ressaltar que lutam, “diferentes categorias que o senso comum e a mídia reduziram a uma categoria só e abstrata, a de sem-terra, uma designação que acoberta diferenças de propósito, de necessidades e de reivindicações dos próprios trabalhadores”(Martins, 2003, p. 160).

Os depoimentos dos sujeitos e as tramas que tecemos neste artigo, nos fazem perceber as lutas e tensões constantes que envolvem essa região contemporaneamente. A região à qual se localiza o Assentamento Balaiada está permeada de comunidades quilombolas, que lutam pelo reconhecimento e titulação das suas terras, como previsto em importante conquista do movimento negro, na Constituição Federal de 1988, no Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, ao estabelecer que, “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Regulamentado pelo Decreto 4887/2003, que

²¹ Assentamento no Maranhão torna-se território livre do analfabetismo. Oficializado pela Secretaria de Estado da Educação. www.mst.org.br – acesso em 23/09/2008.

²² *ibid.*

²³ O método cubano “sim, eu posso”, é aplicado através de vídeo, com o auxílio de monitores, que ensinam a ler e escrever em 35 dias. São cinco aulas de uma hora e meia de segunda a sexta-feira.

delineia os procedimentos para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Conquistar a terra significa alterar toda a dinâmica da comunidade, das pessoas, lhes permitindo melhores condições de vida e o fortalecimento de suas culturas, uma vez que é aí que produzem para seus sustentos e reproduzem seus costumes e tradições. O Assentamento Balaiada é o resultado da luta pela conquista da terra e ao direito de ter direitos, pois permite aos sujeitos meios de acesso aos benefícios disponibilizados conforme legislação pertinente.

Com base no contexto apresentado nesse artigo, podemos seguramente afirmar que a conquista do Assentamento Balaiada ressignifica a luta contra as injustiças secularmente exercidas sobre os sujeitos nessa região, sobretudo aos afro-maranhenses. A luta pela terra é, portanto, uma luta dos negros, luta que está sempre presente desde a Guerra da Balaiada, no século XIX e que continua muito pulsante contemporaneamente.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Mercedes. Remanso. São Luís: LITHOGRAF, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, Artigo 68. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.

_____. Da Cultura, Artigos 215 e 216. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.

_____. Instrução Normativa nº 20/2005 INCRA-2005.

_____. Instrução Normativa nº 49/2008 INCRA-2008.

Decreto nº. 4887/03. Brasília, 2003.

Decreto 15.849 de 1 de outubro de 1997

Lei Orgânica do Município. Nina Rodrigues, 1990

Lei 2979 de 17/07/1969. DOM, 30/07/1969.

MARANHÃO (Estado). Constituição. Artigo 229. [s.d].

Plano de Inclusão Social das Comunidades Quilombolas 2005-2008

Prefeitura Municipal de Nina Rodrigues-MA, 2005.

Projeto Técnico do Centro de Referência da Assistência Social – CRAS das Comunidades Quilombolas. Prefeitura do Município de Nina Rodrigues-MA, 2007.

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Mundinha. Em busca de Dom Cosme Bento das Chagas – Negro Cosme: tutor e imperador da liberdade. Imperatriz, MA : Ética, 2008.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Quilombos Maranhenses In: Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil (org.) REIS, João José, GOMES, Flavio dos Santos. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. A guerra dos Bem-te-vis. A Balaiada na memória oral. São Luís: SIOGE, 1988.

_____. “Histórias do Balaio”. Historiografia, memória oral e as origens da balaiada. História oral 1, 1998.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. Caminhos do Gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão. São Luís: SECMA, 1992.

FONSECA, Dagoberto José. A terra e os desterrados: O negro em movimento. In: REVISTA PUC VIVA. O negro no Brasil. São Paulo: Apropuc, Ano 7, nº 28, 2006.

GOMES, Flávio dos Santos. A Hidra e os Pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (século XVII – XIX). São Paulo, Ed. UNESP/Ed. Polis, 2005.

_____. História de quilombos: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. Ed. Ver e ampl, São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

HOUAISS. Dicionário da Língua Portuguesa. RJ: Objetiva, 2008.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: Muitas memórias, outras histórias. Orgs. Déa Fenelon et al. SP: Olha d’água, 2005.

MARANHÃO, Secretaria de Educação. História e vida de Nina Rodrigues. São Luís: PROMUNICÍPIO, 1982.

MARTINS, José de Souza. O Sujeito oculto: ordem e transgressão na reforma agrária. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____. Os Camponeses e a política no Brasil. Petrópolis, RJ, Vozes, 1983.



PORTELLI, Alessandro (Coord). República dos sciúscia: A Roma dos pós-guerra na memória dos meninos de Dom Bosco. São Paulo: Editora Salesianos, 2004, p.6

REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos (org). Liberdade por um fio: História dos quilombolas no Brasil. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

SADER, Eder. Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos. A Balaiada no Sertão: a pluralidade de uma revolta. São Luis: Editora UEMA, 2010.

SOUSA, José Reinaldo Miranda. Terras de Preto no Vale do Rio Munim: Nina Rodrigues, Historicidades e Territorialidades (1988-2008). (Dissertação de Mestrado). Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

_____. Quilombos (palenques), terras de preto: Identidades em construção. In: Revista Brasileira do Caribe. Universidade Federal do Maranhão, vol.XI, nº 22. São Luís: Editora UFMA, 2011.

_____. Terras de Preto no Maranhão: reflexões sobre o Vale do Munim. In: Revista Outros Tempos Volume 4, 2007. www.outrostempos.br

SOUZA FILHO, Benedito. Os pretos de Bom Sucesso: terra de preto, terra de santo, terra comum. São Luís: EDUFMA, 2008.

THOMPSON, E.P. A Formação da Classe Operária Inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.